



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

NATÁLIA DE AGUIAR CARNEIRO

A relação psicoterapêutica em uma narrativa gestáltica

BELO HORIZONTE
2021

NATÁLIA DE AGUIAR CARNEIRO

**A relação psicoterapêutica em uma narrativa
gestáltica**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-
Graduação do Departamento de
Psicologia da Universidade Federal de
Minas Gerais para obtenção do título de
Especialista em Psicologia Clínica.

Área de Concentração: Psicologia Clínica:
Gestalt-terapia e Análise Existencial

Orientadora: Prof^a Saleth Horta

BELO
HORIZONTE
2021

150
C289r
2021

Carneiro, Natália de Aguiar.
A relação psicoterapêutica em uma narrativa gestáltica
[recurso eletrônico] / Natália de Aguiar Carneiro. – 2021.

1 recurso online (26 f.): pdf

Orientadora: Saleth Salles Horta.
Coorientadora: Telma Fulgencio Colares da Cunha
Melo.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial –
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia Clínica. 2. Gestalt-terapia. 3. Psicoterapia.
I. Horta, Saleth Salles. II. Melo, Telma Fulgencio Colares da
Cunha. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO A RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA EM UMA NARRATIVA GESTÁLTICA.

NATÁLIA DE AGUIAR CARNEIRO

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e três de fevereiro de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Saleth Salles Horta - Orientadora

FAFICH/UFMG

Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2023, às 12:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2892576** e o código CRC **1DFD8C39**.

A palavra e o sentido. O dito e o vivido. O corpo e a alma, diria Merleau-Ponty. A não-palavra de Clarice Lispector seria o sentido de Cecília Meirelles. A palavra conduz o sentido, vive pelo sentido. Mas este não está preso na palavra como um cárcere. Ele voa solto no olhar, no rosto, no suspiro, bem visíveis. Mas... só se aquele vento fechou teus olhos também. A palavra conduz o sentido, mas pode fechar os olhos para o sentido, como o vento. (AMATUZZI, 2001, p. 63)

RESUMO

A principal ferramenta de trabalho em um suporte psicológico, no formato de psicoterapia, é a relação entre psicoterapeuta e consultante assistido. Se cuidada em suas dimensões substanciais, essa relação estará suscetível a prosperar no objetivo primeiro, que é promover saúde mental a todas as pessoas que utilizam da psicoterapia como forma de se cuidarem, de se tornarem mais conscientes de si. A abordagem psicológica que ampara esta narrativa é a Gestalt-terapia. A metodologia utilizada para estruturar e destringir o tema é a revisão bibliográfica. Os caminhos a percorrer na leitura perpassam a narrativa gestáltica, a saber: a origem e o sentido da abordagem escolhida como proposta psicoterapêutica; os fundamentos filosóficos basilares, sendo eles Humanismo, Existencialismo e Fenomenologia; um dos fundamentos teóricos primordiais, a Teoria de Campo; e outras três dimensões que lançam luz aos aspectos da relação psicoterapêutica nesse enfoque, sendo o contato, o diálogo autêntico e, também, o silêncio.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Psicoterapia; Relação psicoterapêutica.

ABSTRACT

The primary tool in psychological support, in the form of psychotherapy, is the relationship between the psychotherapist and the assisted client. If carefully nurtured in its substantial dimensions, this relationship is likely to thrive in achieving its main goal, which is to promote mental health for all those who use psychotherapy as a way to care for themselves and become more self-aware. The psychological approach supporting this narrative is Gestalt therapy. The methodology used to structure and explore the theme is a literature review. The paths to follow in the reading pass through the Gestalt narrative, namely: the origin and meaning of the chosen approach as a psychotherapeutic proposal; the basic philosophical foundations, being Humanism, Existentialism, and Phenomenology; one of the fundamental theoretical concepts, Field Theory; and three other dimensions that shed light on aspects of the psychotherapeutic relationship in this approach: contact, authentic dialogue, and also silence.

Keywords: Gestalt-therapy; Psychotherapy; Psychotherapeutic relationship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
OMS	Organização Mundial da Saúde
FP	Fenomenologia da Percepção
GT	Gestalt-Terapia
PPG	Programa de Pós-graduação
PC	Psicologia Clínica
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
RF	Redução Fenomenológica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1 Gestalt-terapia: a origem e o sentido.....	8
2.2 A perspectiva humanista na relação psicoterapêutica.....	9
2.3 Contribuições do Existencialismo	11
3 A FENOMENOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO	12
3.1 A redução fenomenológica.....	13
3.2 Presentificação da experiência.....	14
4 TEORIA DE CAMPO NA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA	16
5 A BUSCA PELO CONTATO PLENO NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA	17
6 A PONTE DE ACESSO	19
7 SILÊNCIOS EM PSICOTERAPIA	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

O ano é 2020. É declarada pela Organização Mundial de Saúde a pandemia do novo coronavírus. Diversos profissionais da saúde são novamente convocados a prestar atendimento, inclusive psicólogos. Começo com menção honrosa aos colegas que atuam na linha de frente, meu respeito e gratidão. A demanda por suporte psicológico está crescendo, aumentando a diversidade de vidas que serão desveladas e cuidadas.

A principal ferramenta de trabalho em um suporte psicológico, no formato de psicoterapia, é a relação em si, entre psicoterapeuta e consulentes assistidos. Se cuidadas nas dimensões substanciais, estarão suscetíveis a prosperar no objetivo primeiro, que é promover saúde mental às pessoas que utilizam da psicoterapia como forma de cuidarem-se emocionalmente.

Os caminhos a percorrer na leitura perpassa a narrativa gestáltica, a saber, a origem e o sentido da abordagem escolhida como proposta psicoterapêutica; os fundamentos filosóficos basilares; um dos fundamentos teóricos primordiais, a Teoria de Campo; e outras três dimensões que lançam luz aos aspectos da relação psicoterapêutica nesse enfoque, sendo o contato, o diálogo autêntico e, também, o silêncio.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Gestalt-terapia: a origem e o sentido

A Gestalt-terapia emerge nas décadas de 1940 e 1950 por Fritz e Laura Perls, Paul Goodman, Paul Weisz, Elliot Shapiro, Sylvester Eastman Isadore, Ralph Hefferline e Jim Simkin, nominados como o “Grupo dos Sete”. Eles se debruçaram conjuntamente e investiram na estruturação de um novo campo clínico, denominado *Gestalt*. A palavra *gestalt* vem do idioma alemão e a tradução literal é “forma”, entretanto, a tradução semântica se aproxima de “necessidade” (*Bedürfnis*).

O contexto histórico que despontam as ideias, que agregadas formam o corpo filosófico e teórico da *Gestalt*, é a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, também, abrange duas décadas do pós-guerra. Tal guerra envolveu as maiores potências econômicas do planeta. Na prática a repercussão disso na vida das pessoas envolvidas representava violências, repressões, violações de direitos, medo,

pobreza, desdobrando-se em uma enorme onda de desesperança na vida, perdurando anos a fio.

A Psicologia, como campo de conhecimento, já contava com as duas primeiras forças da psicologia conhecidamente desenvolvidas até então. A primeira força da psicologia tratava-se de uma concepção experimental de observação e apreensão da experiência humana, através do behaviorismo comportamental. A segunda força da psicologia poderia ser lida como uma linha analítica da experiência humana e da subjetividade, por meio da psicanálise e os diversos autores que dela dissertaram.

A repercussão da terceira força da psicologia, que veio no contexto histórico do parágrafo supracitado, se mostrou uma linha mais humanizada de concepção e mesmo interação (efetiva e afetiva), já que o objeto de estudo, tampouco, seja um objeto. Para Amatuzzi (2001), a terceira força nasce como uma contra resposta ao conhecimento psicológico positivista, estruturalista e, por vezes, determinista, em relação à condição psíquica humana, empregada em demasia na época, mas também atualmente.

Cabe ressaltar, que há continuidade dessas ramificações, abordagens clínicas, focos de estudos e concepções diversas sobre a visão de ser humano. Essas diversas abordagens psicológicas são arcabouços teórico-práticos que influenciam na maneira com que cada profissional de psicologia compreenderá e intervirá sobre questões humanas.

A Gestalt-terapia advém da terceira força da psicologia, explicitando, a seguir, as influências filosóficas fundamentais que a sustentam, sendo o Humanismo, o Existencialismo e a Fenomenologia. As próximas seções exploram as contribuições literárias sobre essas correntes filosóficas direcionadas a questão chave deste trabalho: as dimensões acerca da construção da relação entre psicoterapeuta e consulente.

2.2 A perspectiva humanista na relação psicoterapêutica

O Humanismo se revelou como uma corrente de ideias, que se fortaleceram por diversos campos de conhecimento, em épocas pós-conflitos mundiais, como uma bandeira de revalorização do Humano. Como aponta Amatuzzi (2001):

O que está na raiz do humanismo não é apenas um postulado teórico, ou uma hipótese, mas uma atitude concreta em favor dos seres humanos. Isso

é mais fundamental que as teorias que a partir daí se constroem. Teorias diferentes sobre o Homem podem ser consideradas humanistas. O que as une não é tanto que todas aceitem determinadas afirmações, mas sim uma atitude. (AMATUZZI, 2001, p.17)

A atitude (humanista) mencionada no trecho acima se direciona para o que Erich Fromm denominou como “tradição da ética humanista”, pois convida a posicionamentos e compromissos éticos frente a qualquer situação que se expresse o Humano. A apreensão científica explicativa causa-efeito é interrompida na lógica humanista. É colocado em voga o alcance doutros métodos científicos com atribuições externas de sentido.

Husserl é um dos referenciais importantes nesse sentido, pois ele contribuiu nesses questionamentos da aplicação do método científico à realidade humana, sem negar a validade das conclusões, porém refletindo o alcance delas. Para ele, a originalidade da consciência humana extrapola tais métodos, visto que é dotada de uma realidade intencional, que para AmatuZZi (2001, p. 20), só pode ser captada através da questão do sentido, atribuído ao ato da relação.

Compreende-se que o ato científico e profissional não pode ser imparcial, pois ele está imerso em um contexto de sentido, que se revela na relação. Os seres humanos são, essencialmente, atribuidores de sentido, assim constituem a percepção do mundo e a de si próprios em relação ao mundo. As teorias que se fundam tendo o Humanismo como uns dos pilares transformam a lidar com o “objeto de estudo”, pois não se trata mais de teorizar, como um fim (AMATUZZI, 2011).

A tratativa quer alcançar o que afinal importa: a relação humana que se constitui naquela oportunidade de encontro. A cada vez que tenhamos um encontro humanizado com alguém, traremos para a atualidade vivencial a oportunidade de experienciar, o que na visão buberiana se traduz em um diálogo autêntico.

A relação terapêutica sob tal ótica atribui humanidade ao profissional que assiste, bem como ao consulente assistido. A intenção previa de explicar o porquê das coisas serem o que são dá espaço para que se desenvolva uma postura psicoterapêutica, que sustente a Visão de Ser Humano humanista, isto é, ouvi-lo e vê-lo como capaz de falar de si, por si e de se autorregular. O consulente nessa concepção é empoderado epistemologicamente da autorregulação e do processo de compreensão de suas necessidades. Quebrando paradigmas anteriores que entendiam, por exemplo, casos psiquiátricos, como sendo desprovidos de qualquer compreensão de si.

2.3 Contribuições do Existencialismo

A visão de ser humano, sob a ótica existencialista, frisa a relevância da subjetividade na experiência humana (LINS, 2013). De acordo com Lins, a concepção de pessoas seja de que somos seres livres, de abertura, de possibilidades e responsáveis por construirmos as nossas próprias existências. O que converge com a visão *heideggeriana*, de que o modo de ser dos seres humanos é o da possibilidade e não da realidade, compreendendo a vida humana como existência.

Sartre (2012) afirmou que “a existência precede a essência”, isso em interface ao que pontua “o que somos (essência) e aquilo que nos tornamos (existência) seria a imersão da existência na essência, sendo a mais absoluta confluência onde figura e fundo perdem identidade e só podem ser concebidos como processo” (RIBEIRO, 2017, p. 27).

A experiência da subjetivação e atribuição de sentido das pessoas é processual e parte da unicidade de cada sujeito, bem como dos aspectos biopsicossociais que lhe são próprios. Combinadas, experiência e atribuição de sentido emergem expressões existenciais singulares, sejam através de algum comportamento, sentimento ou outras manifestações físicas e/ou psíquicas.

O caminho da relação psicoterapêutica refletida à luz do existencialismo visará se a ver com a “questão-do-ser” e o sentido ontológico¹ da experiência do Ente frente aos modos que lhe são genuinamente próprios.

(...) Elaborar a questão-do-ser significa tornar transparente um ente- o perguntante- em seu ser. O perguntar dessa(s) pergunta(s), como modus- de- ser de um ente, é ele mesmo essencialmente desvelado pelo perguntando, por aquilo de que nele se pergunta- pelo Ser. Esse ente que somos e que tem, entre outras possibilidades-de-ser, a possibilidade-de-ser do perguntar. (Heidegger, 2008, p. 47)

Nessa perspectiva cabe ao psicoterapeuta direcionar luz na direção do resgate da liberdade existencial, isto é, das escolhas e o sentido delas, dentro das possibilidades avistadas pelo consultante e no tempo dele próprio. Aponta para a responsabilidade de cada pessoa sobre si própria e sobre suas ações. O que deve

¹ Em Definições de Oxford Languages, o significado do adjetivo “ontológico” vem dê: relativo à ou próprio da ontologia, a investigação teórica do ser. No *heideggerianismo*, relativo ao ser em si mesmo, em sua dimensão ampla e fundamental, em oposição ao ôntico, que se refere aos entes múltiplos e concretos da realidade.

ser cautelosamente lido, evitando reducionismos frente às intempéries sociais e fisiológicas que coexistem. Esses aspectos são propiciadores, abdicando de determinismos na capacidade de expressão existencial das pessoas (Aguiar apud Walter Ribeiro). As escolhas do sujeito que se desvela, carregam um sentido próprio dentro daquela existência, sendo dotada de uma consciência intencional².

Mergulhar no mundo de significações pessoais do consulente permitirá ao psicoterapeuta avistar os entremeios, os acordos silenciosos, os detalhes, que dizem das possibilidades de suporte (auto e hétero) e das vias de ajustamentos criativos previamente vividos (FRAZÃO, 2015, p. 83-93).

Queixas e sintomatologias são recortes dentro dessa totalidade existencial que o consulente é e que é possível alcançar no tempo dedicado ao desenvolvimento da relação entre psicoterapeuta e consulente. Tal entendimento é substancial na construção desse relacionamento, segundo pontua Cardella (2015, p.56) que o acolhimento da pessoa como uma totalidade que *não* pode ser capturada seja atitude ética fundamental e possibilidade de encontro na relação psicoterapêutica.

3 A FENOMENOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE TRABALHO

A palavra Fenomenologia pode ser fragmentada em duas partes, e nesse sentido, seria uma ciência sobre os fenômenos, contidos no discurso/fala – *logos* (COLPO, 2013, p 113). O conceito de fenômeno traz a ideia de mostrar-se, é sobre ficar visível em si (Seres-do-Ente).

Edmund Husserl (1859-1938) foi o fundador da corrente filosófica denominada Fenomenologia. Husserl propôs “uma volta às coisas mesmas”, ou seja, retorno ao fenômeno, uma vez que este estava travestido pelos amálgamas interpretativos que seguiam as tendências epistemológicas da época, e levando-nos, como resultado,

para longe das coisas mesmas, daquilo que se apresenta, tal como se apresenta por si mesmo (COLPO, 2013, p. 4). Com desdobramentos do pensamento de Husserl em Heidegger na ontologia “Ser e Tempo”, de 1927, re-enfatizasse que o

² A compreensão da consciência como intencionalidade é um fundamento epistemológico basilar da fenomenologia de Husserl. Nesse sentido somente podemos entender a consciência como frutoda correlação entre o eu e o mundo, entre nós e as coisas. Não podemos pensar em uma consciência encapsulada, interna a um sujeito e em oposição ao objeto, pois todo ato exprime uma intenção e é voltado para um objeto. (COLPO, 2013, pg103)

posicionamento epistemológico da fenomenologia representa uma rompante para com o pensamento científico orientado pelo determinismo e pelo poder de explicação.

Para o campo da Psicologia naquele momento fortalece um movimento de reestruturação frente aos psicologismos, que rejeitava, portanto, as condutas com práticas clínicas prescritivas, ao que explica o autor Colpo (2013, p. 104-105), que o uso do termo prescritivo, ressalta a condução exercida pelas teorias psicológicas nas intervenções clínicas, uma vez que partem de posicionamentos, cujo poder de explicabilidade está na base da compreensão da saúde e da doença e de pilares teóricos que fundamentam práticas como: inconsciente; complexo de Édipo; transferência; projeção; conversão; inconsciente coletivo; arquétipos, entre outros. E nesses casos, o fenômeno está sendo lido com uma atribuição externa de sentido, ao passo que o sentido encontra-se no fenômeno, como ele próprio se mostra e não fora dele.

O legado ontológico, desenvolvido por Husserl, que se ocasiona aqui como a ferramenta de trabalho para o profissional, no manejo da psicoterapia e na construção dessa relação com consultante, é O *método de investigação fenomenológico*. Nele estrutura um tripé: observação, descrição e por último, a (res) significação dos fenômenos.

3.1 A redução fenomenológica

A expressão indica a mudança de atitude, nesse caso da atitude do psicoterapeuta em relação ao consultante. A mudança propriamente dita sairia da Atitude Natural para uma Atitude Fenomenológica, a fim de estabelecer uma postura dialógica genuína, sendo foco “ficar-com” a experiência de consciência do consultante a cada momento. Para o autor Hycner (1997), deve haver tentativa constante da suspensão dos vieses pessoais, experiências prévias e significados que possam interferir no ato de conhecer o fenômeno. Reitera que é impossível a suspensão completa, todavia concerne em estar consciente dos próprios pressupostos e preconceitos, o quanto conscientemente possível for. Evitando precipitações conclusivas, sugestões e interpretações incondizentes com o sentido interno do que se apresenta. Praticar a *Epoché* seria esse ato de colocar-se em parênteses na relação.

Para trazer à tona a redução fenomenológica (RF) na circunstância do encontro

terapêutico, extraído da fala da psicóloga Saleth Horta (comunicação verbal em aula no PPG/PC/PSI/UFMG³, em 2019), como exemplificação: a pessoa chega ao consultório na relação eu - isso, iniciando um relato que configura aos poucos o fundo contextual do Campo, isso é, a 1ª R.F, “olhar”, observar. O processo descritivo que se segue, com a abertura da pessoa ao tema qualquer que seja, possibilita e emerge o que é figura ali, entramos assim na 2ª R.F. na relação Eu-tu. Todo esse processo se torna solo fértil para a mais profunda, que é a 3ª R.F, a significação ou ressignificação daquela experiência.

A redução fenomenológica transcorre pelo decurso relacional entre psicoterapeuta e consulente, tal qual exemplificado no parágrafo anterior. O filósofo Martin Buber contribuiu no aprofundamento da abordagem dialógica ao ampliar a significância do termo dialógico. Tal termo transpassa a fala e a escuta, que seriam manifestações auditivas e vocálicas de uma atitude dialógica, vai em direção de forma abrangente do inter-agir com os Outros.

Buber, ao cunhar as expressões “Eu- Isso” e “Eu-tu” (1979), retratou dois momentos da experiência humana, sendo a junção e a separação condições naturais que se dão no ato de relacionar-se. São atitudes primárias que um Ser Humano pode assumir em relação aos outros e por isso essencial na experiência humana (HYCNER, 1997).

Na relação psicoterapêutica ambos acontecem. A relação Eu-Isso, entendida enquanto dialética se dá a priori da dialógica genuína, do momento “Eu-tu”. A relação Eu-Isso sustenta o Fundo (do Campo) e ao ser ultrapassado alcança a relação “Eu-tu” no decorrer do processo. O movimento de um momento para outro desvela o aprofundamento da primeira para a segunda dimensão, a redução fenomenológica em si, consumada no processo dialógico.

3.2 Presentificação da experiência

Decorre da metodologia fenomenológica de apreensão da realidade, o que Buber (1965^a, p. 22) nomeou como “voltar-se para”, afastando-se de si, de preocupar

³ Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial, da Universidade Federal de Minas Gerais

consigo, para estar presente com o outro, vendo-o em sua alteridade única, que o difere de mim e de qualquer necessidade minha. A presença, segundo Hycner(1997, p. 39), mais que uma qualidade, é uma postura, modulada pela habilidade e disponibilidade, na qual entregasse a atenção e abdicasse dos pressupostos teóricos.

O objetivo primordial é estar plenamente presente no contato com o outro. O autor preconiza que estar plenamente presente pode ser uma experiência intensa. Entende que, possa ser vivido de diversas maneiras, a depender da pessoa, podendo ir de uma vivência de contato pleno ou contato neurotizante. A segunda forma, pode se revelar em casos que não seja tão habitual àquele/a pessoa estar plenamente presente nas vivências, ou que a mesma esteja com um senso de identidade (*Self*) fragilizado. Portanto, seria necessária sensibilidade sobre como isso impacta o consulente assistido, para garantir que não seja nada imposto, conquanto construído entre ambos nesse processo relacional.

Outro aspecto a ser citado sobre a presentificação da experiência é focalização no “aqui-e-agora”, termo largamente utilizado dentro da Abordagem Gestáltica. No artigo sobre a “Temporalidade do aqui-e-agora gestáltico: implicações teóricas e práticas”, as autoras (ARENHART; FREITAS, 2016) compreendem o “Aqui-e-agora” como a interação entre a totalidade de forças passadas, presentes e futuras, concomitantemente relacionadas. A linearidade e causalidade temporal são substituídas por uma concepção fluida de campo. Todos os tempos vividos estão incessantemente sendo atualizados. O Aqui-agora revela, então, o fluxo de temporalidade, no qual o psicoterapeuta deveria escolher abordar o momento presente, o instante, o imediato, a experiência, a vivência.

Ao escolher trabalhar em psicoterapia a experiência imediata, invariavelmente escolhem-se também os momentos passado e futuro que se articulam nesse fluxo temporal e que organizam o fundo sobre o qual o sujeito se constitui. Mesmo que o trabalho psicoterapêutico se debruce em uma memória passada ou em uma condição de possibilidade futura, a expressão da pessoa é figura de um campo de totalidade na relação não apenas com o mundo, mas com um mundo atravessado pela temporalidade. (ARENHART; FREITAS, 2016: p.43)

Nesse rumo Ribeiro (2017, p.16) ao afirmar que o contato e o encontro são funções da presença, corrobora sobre a possibilidade de acesso ao outro por meio da presentificação da experiência, do aqui-e-agora que se revela, para além da presença-física-em-si ou da postura interpretativa que lhe leve para longe da experiência do consulente. O contato pleno, então, decorre da presença plena na relação intersubjetiva entre psicoterapeuta e consulente, e é a grande força de transformação no processo de autoconhecimento que visa ser a psicoterapia.

4 TEORIA DE CAMPO NA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA

A Teoria de Campo é uma parte vital da Gestalt-terapia (GT), portanto, é uma dimensão importante acerca da relação psicoterapêutica. Tal perspectiva fornece suporte teórico para a integração abrangente nos fatores como corpo, mente, as emoções, as interações sociais, os aspectos espirituais e transpessoais. Campo enquanto construto enfatiza a complexa totalidade interligada de influências, pelas quais os organismos funcionam. Trata-se, portanto, da constelação de fatores independentes, que respondem a um ou vários eventos psicológicos e não psicológicos.

Yontef (1998, p. 210) descreve a Teoria de Campo de Lewin com as seguintes palavras:

Teoria de campo é um enfoque ou ponto de vista para examinar e elucidar eventos, experimentações, objetos, organismos e sistemas, que são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis, que, em conjunto, formam uma totalidade unificada interativa continua (campo), em vez de classificá-las de acordo com a natureza inata ou analisá-las com a finalidade de obter aspectos separáveis e totalidades formativas e somáveis. A identidade e a qualidade de qualquer evento, objeto ou organismo desse tipo apenas o é, em-um-campo contemporâneo, e somente pode ser conhecida por meio de uma configuração, formada por uma interação mutuamente influenciável entre percebedor e percebido.

A teoria de Campo organiza a apreensão da interação supracitada por meio das formulações distinguidas em cinco pressupostos, por Yontef (1998), sobre o campo, sendo eles: (1) um campo é uma teia sistemática de relacionamentos, uma totalidade de forças mutuamente influenciáveis; (2) um campo é contínuo no tempo e no espaço; (3) tudo é de-um-campo, isto é, objetos e organismos existem somente como parte de um campo e têm significado somente como interação nesse campo; (4) os fenômenos são determinados pelo campo todo, os significados derivam da totalidade dos fatos coexistentes; e (5) o campo é uma totalidade unitária, tudo afeta

todo o resto no campo. A partir das considerações de Yontef, os diversos campos possíveis de serem observados são compostos de micro áreas físicas e psicológicas e dentro deles existem fronteiras e contornos, que dizem das manifestações desses. A partir do autor Ribeiro (2017) ter a Teoria de Campo enquanto base teórica, em psicoterapia, quer dizer, que:

- O comportamento ocorre em função de um determinado campo, em dado momento;
- A pessoa humana é sujeito de forças bio, psico, socioespirituais que ocorrem em dado momento. A realidade é mais ampla do que a percepção que temos dela. A experiência desses campos ocorre à revelia de nossa percepção, muitas vezes funcionando ora como fundo, ora como figura. São nossas necessidades que determinam a experiência mais perceptível de um ou de outro;
- Tudo aquilo que, em dado momento, é capaz de influir num campo no qual o comportamento ocorre- ora como figura, ora como fundo- é parte desse campo;
- Analisar o comportamento por intermédio de elementos isolados significa destruir as características estruturais de um fenômeno. Um sintoma não pode explicar a totalidade de uma pessoa como algo separado em dado campo.

A percepção do psicólogo sobre a interação entre a maneira de cada pessoa pensar, sentir e agir, ou seja, a maneira de estarem inseridas no mundo é vital para o desenvolvimento de um processo psicoterapêutico. O Campo se altera e atualiza em cada novo encontro, o que agrega na coleta e concatenação das informações que emergem disso. Ao gestalt-terapeuta cabe assimilar que faz parte do Campo e da construção do cenário relacional em que se encontram. O manejo psicoterapêutico pode ser compreendido como investigativo e interventivo, se pensado a partir da Teoria de Campo, acontecendo concomitantemente, sendo permeado e afetado pelos aspectos singulares de cada situação terapêutica.

5 A BUSCA PELO CONTATO PLENO NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA

Viver é estar em contato mais e mais uma vez. Esta condição de re- atualização é inata à Vida. Contato não é apenas um ato em si, é uma concepção enquanto construto e processo (RIBEIRO, 2017a). Contato é sobre ser-em-relação. Contato e os bloqueios do contato são processos de autorregulação orgânica,

podendo gerar a *posteriori* dele ajustamentos criativos saudáveis ou disfuncionais (FRAZÃO, 2015) em relação à vida, aos outros ou a si mesmo.

Alguns níveis de contatos descritos são: consigo mesmo, com o outro, com o mundo e do mundo conosco (RIBEIRO, 2017b). Tais níveis advêm tanto da percepção subjetiva que as pessoas têm sobre a qualidade dos contatos que estabelecem ou interrompem, quanto de como a realidade objetiva é subjetivamente apreendida pelas pessoas. O Campo, previamente explicado, é o lugar no qual os contatos acontecem. Contatos acontecem por todo O Campo. Podemos compreender que o Campo é o lugar do Contato.

A forma como estabelecemos Contato dimana das relações que mantivemos, nos diversos campos que nos movemos *a priori*, através da realidade experienciada, adquirindo maneiras mais habituais de se expressar. Paradoxalmente se revela como fruto do aqui e agora, em uma dinâmica entre espacialidade e temporalidade, na qual o sujeito que afeta é também afetado.

Estar em contato -pleno- com algo ou alguém significa demorar a atenção e se conectar àquele em recíproca inter e intra-relação. O contato é instrumento pelo qual a energia do encontro se canaliza à procura de uma finalização. Todo contato humano tende a produção de uma unidade de sentido, numa relação figura-fundo. A formação de novas figuras faz inferência às figuras anteriores, não implicando na destruição dessas, mas sim em transformação dessas figuras emergentes, dada a necessidade que sobressai ao campo fenomênico em dado momento. Em consonância com a Teoria do Ciclo do Contato (RIBEIRO, 2017c) configura a percepção que uma necessidade está sempre em primeiro plano (figura) para uma pessoa, enquanto as outras permanecem em segundo plano (fundo). Se a necessidade for atendida ou interrompida, ela ocupa um espaço no plano de Fundo e outra Figura aparece. Os conflitos e sofrimentos surgem da exclusão de certas partes e necessidades e do contato interrompido consigo mesmo e / ou com os outros. E é no contato pleno da relação psicoterapêutica que deve haver a reinclusão das partes e necessidades presentes na essência da pessoa que estão ofuscadas na existência dela naquele dado momento.

A psicoterapia, como função do contato, não surge de uma elaboração intrapsíquica. De acordo com o autor (RIBEIRO, 2017, p 31), a psicoterapia seria o fruto da relação dinâmica entre psicoterapeuta-consultante. Gerando avante o

movimento de transformação por meio da junção, da síntese, que abre à realidade e se faz e se refaz sobre si. Em um processo nunca acabado, porque o contato, como unidade de transformação, tende a ampliação de possibilidades e concebe propriedades inéditas a cada instante, a cada novo contato.

6 A PONTE DE ACESSO

Em alusão a seção anterior, o contato pleno transcorre em psicoterapia através do diálogo autêntico. O diálogo, que nesta leitura indica mais que mera conversa, é sobre alcançar o outro - o consulente, em seus sentidos mais singulares e característicos.

Alinhado a visão buberiana, para que o diálogo autêntico ocorra são necessários que alguns fatores se mostrem: 1. Abertura; 2. Reciprocidade; 3. Presença; 4. Responsabilidade (RIBEIRO, 2017, p.54).

A abertura seria uma visão inocente para o outro, na qual o conhecimento prévio da vida não ponha barreiras ao encontro, mas que seja abertura para que ele aconteça. Já a reciprocidade seria a disposição de ambos em assumirem, a termos de confiança e empatia um no outro, o papel que lhes cabe nessa relação, seja como consulente ou como psicoterapeuta. A *presença* era entendida pelo autor como uma solicitude à experiência imediata, frente à alteridade do outro, deixando as circunstâncias acontecerem. Por último, para falar do quarto item, responsabilidade, revê em Buber, no livro “Do diálogo e do dialógico”, na seção intitulada por mesmo nome. O autor diz que vê no ato de responder a disponibilidade responsiva, e que isso inclui a capacidade de perceber, assimilar e assumir o risco de lidar com a imprevisibilidade da relação. Ou seja, relacionando-se, psicoterapeuta e consulente são mutuamente responsáveis por essa relação. Cabendo alertar que tal “responsabilidade” é referente ao desenvolvimento da relação, pois a responsabilidade enquanto profissional é assunto primeiro para exercer a profissão de psicóloga e se traduz no Código de Ética⁴.

A ponte entre consulente- psicoterapeuta só se desenvolve se houver engajamento mútuo. Segundo Hycner (1997), o diálogo genuíno é mútuo. Não pode ser forçado ou controlado, pois é fluxo relacional e só será consumado se for

⁴ Acesse Código de ética da Psicologia, última edição 2005, em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>

intersubjetivo. Ainda pelo autor (1997), terapeuta e cliente co-constituem a realidade um do outro e o relacionamento terapêutico cria o contexto para facilitar que a pessoa/*Self* do cliente se torne mais inteiro. A psicoterapia pode ser concebida como ponte, na qual duas pessoas com realidades separadas se interagem, em busca de uma base comum – o entre- que seja terapêutico, e nesse sentido, curativo.

7 SILÊNCIOS EM PSICOTERAPIA

O encontro psicoterapêutico revela uma relação em construção. A base dessa relação é dialógica, como abordado nas seções anteriores. A característica dialógica abrange o sentido amplo do que se expressa. Desde a palavra, ao gesto, ao sentido pronunciado ou ao sentido inacabado e em construção. Como toda relação dialógica há um movimento rítmico de junção e separação, que se consuma por meio da fala e reações.

Para aprofundar na dimensão dos silêncios em psicoterapia, me valho a princípio da elaboração do capítulo II, “Silêncio e Palavra”, de AmatuZZi (2001, p. 23-41), no qual ele discute alguns ensaios de Merleau-Ponty na direção das questões em psicoterapia. Nele o autor traz o silêncio como um espaço embrionário no plano das significações, seja na temporalidade anterior ou posterior da intenção de significância da palavra a ser pronunciada. A relação psicoterapêutica tem no silêncio a possibilidade da fluidez do diálogo. Fluidez avistada como trânsito entre o que Merleau-Ponty nomeou, de fala falada para fala sentida/encarnada.

O silêncio primordial seria, de acordo com AmatuZZi (2001), a essência da palavra a ser pronunciada, como aquilo que se concretiza enquanto narrativa e adquire sentido no mundo. Romper com esse silêncio primordial é realização dele próprio. Sendo um ato de intencionalidade que aparece na relação psicoterapêutica.

Os vieses, igualmente possíveis de acontecerem, a depender da situação, retratam o silêncio enquanto (1) certo vazio da consciência (FPa, p.194) (2) um vazio determinado (FPb, p.134); e, (3) intenção significativa nova (FPc., p.194); (4) intenção significativa em estado nascente (FPd, p.207); (5) intenção significativa que põe em movimento a fala (FPe, p. 194)⁵. Com suporte nisso discorro sobre a variedade de significâncias que a experiência do silêncio pode ter. Sem intenção de aprofundar no

⁵ Referências de a-e, sobre ensaio “Fenomenologia da Percepção”(FP), de Merleau-Ponty, explorado pelo autor AmatuZZi (2001).

que tange a qualificação de cada uma delas, conquanto dizê-las enquanto possibilidades na fluidez do diálogo e no estabelecimento de vínculo na relação psicoterapêutica.

No tocante ao que Lyanne Jacobs (1997) apontou uma comunicação genuína sem reservas- em termos de disponibilidade de se envolver, não exclui o silêncio. Devendo o silêncio, por parte do psicoterapeuta, no entanto, ser um responder genuíno e não estar baseado na proteção de si ou do outro, da auto-expressão. Para a autora a comunicação franca deve estar vinculada à tarefa da terapia. E psicoterapeuta deve assumir responsabilidade pela expressão franca daquilo que ocorre no processo do diálogo.

Em congruência a tudo supramencionado, os silêncios em psicoterapia são concebidos como espaços embrionários no plano das significações. O sentido de cada silêncio dependerá da situação fenomenológica que se mostra, podendo alcançar diferentes significâncias. Na relação psicoterapêutica, frente à dinâmica comunicacional, reconhece o silêncio como parte do fluxo do diálogo. Na qual sinaliza os movimentos rítmicos de junção e separação que naturalmente ocorrem na relação psicoterapêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação psicoterapêutica em uma narrativa gestáltica tem fundamentação antropológica e filosófica no Humanismo, Existencialismo e na Fenomenologia. Por vir da 3ª grande força da Psicologia ressoa, ainda hoje, em um movimento de revalorização do Humano, frente à prática de psicologismos positivistas ou deterministas a despeito da condição psíquica Humana. Isso implica na postura crítica do psicoterapeuta no que tange a aplicação de métodos científicos, nesse caso psicológicos, para alcançar a originalidade da consciência humana, do consultante enquanto figura nessa relação. Há entre eles uma realidade intencional, a ser captada através da relação, no desvelar das questões de sentido.

As bases, Humanista e Existencial, são substanciais e perpassam a Visão de Ser Humano, bem como a postura terapêutica para com essa relação que se constrói entre psicoterapeuta e consultante. O Ser humano por ser relacional, co-cria a relação mutuamente. Ao psicoterapeuta fica de fundo, como sustentação, a realidade intencional que devolve ao consultante a afirmação de que ele é dotado de

capacidade de se autorregular e de apropriar-se de si no processo de compreensão das próprias necessidades.

Já o existencialismo provê o horizonte epistemológico que compactua com a noção de seres livres, de abertura e de possibilidades. Ampliando a discussão para o fato de que a imersão da nossa essência, do que somos na nossa existência, o que nos tornamos, é a mais profunda confluência da experiência humana, a ser concebida como processo. A direção da relação psicoterapêutica com base nisso visa contribuir na elaboração das questões-do-ser, para que o Ente, enquanto perguntante do seu Ser, possa visualizar o *modus-de-ser* em si e o sentido disso para ele próprio. Ressalvando ao cerne filosófico que ao psicoterapeuta o acolhimento é de uma totalidade existencial que não pode ser capturada integralmente, inclusive por ser inacabada e inalcançável aos olhos do observador.

Penetrar no mundo de significações do consulente, quando assim for permitido, permitirá ao psicoterapeuta avistar os entremeios, os acordos silenciosos, os detalhes de significância. Ao passo que isso dirá das possibilidades de auto e hétero suporte e das vias de ajustamento criativos, que podem ser re-acessadas ou engendradas.

A Fenomenologia se traduz na relação terapêutica em uma narrativa gestáltica, como a principal ferramenta de trabalho, através do método fenomenológico de investigação, com o tripé da observação, da descrição e por último, de significação. A redução fenomenológica, nessa perspectiva indica a mudança da atitude natural para uma atitude fenomenológica, alicerçada no ato da *Epoché*, ou seja, colocar-se em parênteses nessa relação. A fim de evitar precipitações conclusivas, sugestivas e interpretativas incondizentes com o sentido interno do que se apresenta no fenômeno- o consulente, figura nessa relação.

A presentificação da experiência é basilar nessa dinâmica relacional, principalmente por parte do psicoterapeuta, que é convocado a habilidade e disponibilidade, bem como uma suspensão dos pressupostos teóricos, para “voltar-se para” e “ficar-com” o mais próximo possível da experiência do consulente. Nesse fluxo relacional escolher trabalhar em psicoterapia a experiência imediata, interpenetra a vivência fluida de temporalidade (passado- presente- futuro) que atravessa a pessoa e o mundo vivido.

A percepção do psicoterapeuta sobre a interação entre a maneira de cada pessoa pensar, sentir e agir, ou seja, a maneira de estarem inseridas no mundo é vital para o desenvolvimento de um processo psicoterapêutico. Ou seja, a teoria de

Campo cunhou premissas relevantes para apreensão da situação terapêutica. As pessoas vêm da congruência bio, psico, socioespiritual, conquanto tais aspectos são entendidos como propiciadores e não determinantes. Nesse conceito, tudo que é capaz de influir no campo -do consulente, no caso- faz parte dele, tal qual o próprio profissional, por isso o processo psicoterapêutico é concomitantemente investigativo e interventivo.

A psicoterapia numa narrativa gestáltica é função do contato. É fruto da relação dinâmica entre psicoterapeuta e consulente, no qual as figuras que emergem referem ao que sobressai no campo fenomênico. Os conflitos e sofrimentos que diversas vezes figuram em processos psicoterapêuticos, surgem da exclusão de certas partes e necessidades e do contato interrompido consigo mesmo ou com os outros. A oportunidade de contato pleno, que o encontro terapêutico suscita, mas não garante, é possibilidade para reinclusão dessas partes e necessidades, presentes na essência da pessoa embora estejam ofuscados na existência dela naquele dado momento.

A ponte de acesso entre ambos transcorre em um contato pleno. Ela advém por meio do diálogo autêntico, devendo haver engajamento mútuo. Alguns fatores como abertura, reciprocidade, presença e responsabilidade, são primordiais para que a relação psicoterapêutica se desenvolva com empatia, vínculo e confiança. A ponte alude ao espaço do entre, na qual o encontro acontece mesmo que frente às diferenças entre as totalidades existenciais. O último aspecto explorado neste trabalho foi a despeito da dinâmica comunicacional, que pelo fluxo de diálogo, na dimensão dos silêncios, alcança intencionalidades de significâncias distintas.

O encontro psicoterapêutico revela uma relação em construção, que tem a intencionalidade de ser terapêutica. Cada uma dessas pessoas, psicoterapeuta e consulente, trazem consigo um mundo de significações e a *prioris*. Cabe ao psicoterapeuta mediar, no sentido de voltar o foco para, a experiência do consulente. Ao passo, que o que é vivenciado nessa relação, seja por meio de falas, gestos, expressões e silêncios possam ter serventia para o desenvolvimento dela própria, bem como do uso amplo em prol do movimento de crescimento humano do consulente assistido.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma Psicologia Humana**. Livro. Campinas, SP. Editora Alínea, 2001.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, agosto de 2005. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Moraes, 1979.

_____. **Do diálogo ao dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CARDOSO, Claudia Lins. A face existencial da Gestalt-Terapia. In: FRAZÃO, L. & FUKUMITSU, K. (orgs.) **Gestalt-terapia: Fundamentos Epistemológicos e Influências Filosóficas**. São Paulo: Summus. 2013, p.59-75.

COLPO, Marcos Oreste. **O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em Psicologia**. Psic. Rev. São Paulo, volume 22, n.1, 101-118, 2013.

FRAZÃO, L. & FUKUMITSU, K. (orgs.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. – São Paulo: Summus, 2015.

FREITAS, Julia Rezende Chaves Bittencourt de. **A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica**. Revista IGT na Rede, v. 13, nº 24, 2016. p. 85 – 104. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs>>.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HYCNER, Richard. **De Pessoa a Pessoa: Psicoterapia Dialógica**. Tradução Elisa Plass, Enila Chagas e Márcia Portella. – São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, Richard; JACOB, Lynne. **Relação e Cura em Gestalt-terapia**. Tradução de Elisa Plass e Márcia Portella. - São Paulo: Summus, 1997.

PAULA A.; JOANNELIESE de L. F. **A temporalidade do aqui-e-agora gestáltico: implicações teóricas e práticas**. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies - XXII(1): 39-48, jan-jun, 2016.

PETRELLI, R. **Para uma psicoterapia em perspectiva fenomenológica-existencial**. Cadernos didáticos, 11. Goiânia: Editora da UCG, 1999.

QUEIROZ, Edilza W. da Silva. **A Construção do Vínculo Terapêutico: Uma reflexão sob a perspectiva gestáltica**. Revista IGT na Rede, v. 14, nº 26, 2017. p. 109 – 126. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia : Conceitos básicos.** 2ª ed. São Paulo: Summus, 2006. P. 162/165.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica.** 7ª ed.– São Paulo: Summus, 2017.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo, awareness.** São Paulo: Summus, 1998.